

# A Educação Empreendedora na formação profissional como agente de autonomia do sujeito



10.56238/sevedi76016-008

## Fátima Regina Zan

Docente de área Gestão e Negócios no IFFAR-Campus de Santo Ângelo/RS

E-mail: fatima.zan@iffarroupilha.edu.br

## Cristiane da Silva Stamberg

Docente da área de Matemática do IFFAR/RS-Campus de Santo Ângelo/RS

E-mail: cristiane.stamberg@iffarroupilha.edu.br

## Zipora Morgana Quinteiro dos Santos

Docente da área de ambiente e saúde do IFFAR-Campus Santo Ângelo/RS

E-mail: zipora.santos@iffarroupilha.edu.br

## Rosângela Oliveira Soares

Docente da área de Gestão e Negócios do IFFAR-Campus Julio de Castilhos/RS

E-mail: rosangela.soares@iffarroupilha.edu.br

## Carmen Regina Dorneles Nogueira

Docente da área de Ciências Humanas da UNIPAMPA-Campus São Borja/RS

E-mail: carmen.nogueira@unipampa.edu.br

## RESUMO

O texto apresenta a contextualização experiencial no oferecimento do componente curricular Empreendedorismo nos cursos técnicos e tecnólogos em uma instituição de ensino público. O incentivo ao desenvolvimento de novos negócios se dá a partir de métodos de aprendizagem com o envolvimento dos acadêmicos e o estímulo a visualização da prática no dia a dia das atividades empreendedoras. O trabalho tem como objetivos identificar quais as metodologias e ferramentas que são utilizadas no componente curricular Empreendedorismo, e como envolver os sujeitos na busca de autonomia frente as perspectivas do trabalho. No desenvolvimento realizou-se uma descrição e uma contextualização bibliográfica sobre os métodos de ensino e aprendizagem utilizados e

pesquisa descritiva. A contextualização inicia-se pela conceitualização da educação empreendedora, a educação empreendedora nos currículos e na Lei de diretrizes e Bases da educação os itinerários formativos e os métodos e ferramentas de aprendizagem. Como resultado constou-se que a educação empreendedora é considerada um dos principais instrumentos para melhorar atitudes de potenciais empreendedores e tornar os sujeitos protagonistas e autônomos em sua vivência no mundo do trabalho, e pode ser desenvolvida em todos os níveis de ensino.

**Palavras-Chave:** Educação Empreendedora; Autonomia; Metodologias Ativas.

## ABSTRACT

The text presents the experiential contextualization in offering the curricular component Entrepreneurship in technical and technologist courses in a public education institution. The incentive for the development of new businesses is based on learning methods with the involvement of academics and the encouragement of visualization of the practice in the daily activities of entrepreneurs. The work aims to identify which methodologies and tools are used in the Entrepreneurship curricular component, and how to involve the subjects in the search for autonomy from the perspectives of the work. In the development, a bibliographic description and contextualization about the teaching and learning methods used and descriptive research was carried out. The contextualization begins with the conceptualization of entrepreneurial education, entrepreneurial education in the curricula and in the Law of guidelines and Bases of education, the formative itineraries and the learning methods and tools. As a result, it was found that entrepreneurial education is considered one of the main instruments to improve attitudes of potential entrepreneurs and make subjects protagonists and autonomous in their experience in the world of work, and can be developed at all levels of education.

**Key words:** Entrepreneurial Education; Autonomy; Active Methodologies.

## 1 INTRODUÇÃO

O mundo contemporâneo vive momentos de angústias, e com a pandemia do COVID-19, as apreensões aumentaram ainda mais no cotidiano das pessoas, das empresas e das organizações em geral. As perspectivas de futuro de muitos se dissiparam, e estes ficaram sem saber o que fazer diante de tanta incerteza. Anteriormente já haviam perda de postos de trabalhos, quer sejam pela inovação, quer seja pela

falta de recursos e ainda se agravou mais pela grande catástrofe fruto da pandemia. Desta forma as pessoas precisam se reinventar, serem capazes e protagonistas na busca de alternativas para a sua sobrevivência.

Nesta direção, pensar a educação empreendedora desde a formação técnica, é buscar relações entre a teoria e a prática, com desenvolvimento de competências empreendedoras, escolhendo métodos de ensinamentos que estimulem a autonomia dos estudantes, proporcionando oportunidade de participação e reflexão sobre a pluralidade de saberes pertinentes a sua prática profissional, vinculadas a tecnologia e ao desenvolvimento local. Tais possibilidades se dão através da educação, e as instituições de ensino passam assim, a serem desafiadas a possibilitar novas vivências e experiências, e a educação empreendedora pode ser um marco para ajudar a alavancar e minimizar o sofrimento de muitos. Nas palavras de Gramsci, citadas por Mézaros (2014), ressalta que, “educar é colocar fim à separação entre Homo faber e Homo sapiens; é resgatar o sentido estruturante da educação e de sua relação com o trabalho, as suas possibilidades criativas e emancipatórias”. (MÉSZAROS, 2014)

Dentre estas soluções, a educação empreendedora passou a ser pensada e analisada como um diferencial na geração de trabalho e renda para estas pessoas. A necessidade de entender o processo de protagonismo para sobreviver em um mundo moderno e conturbado, em que há que se buscar novos conhecimentos, valores, aptidões e habilidades além daqueles conhecimentos tradicionais ministrados nos bancos escolares.

A escola tem que ser um espaço para formar cidadãos autônomos e proativos, ajudar no desenvolvimento de relações interpessoais saudáveis e na construção de um mundo melhor (FERREIRA, 2020). É necessário buscar novas metodologias de ensino, para fugir de práticas docentes que utilizam sempre os mesmos recursos, como o quadro, a caneta, o livro didático, o caderno, entre outros (DEMO, 2008). A escola passa, a ser desafiada a possibilitar aos seus alunos novas vivências e experiências. Em outras palavras, os alunos devem ser constantemente estimulados a refletir sobre as inúmeras possibilidades de inserção no cotidiano.

Nessa direção, o texto tem como objetivos identificar quais as metodologias e ferramentas são utilizadas na disciplina de Empreendedorismo, e como envolver os sujeitos para a busca da autonomia e pensamento crítico do mundo do trabalho. Considera-se, no campo da administração, o componente curricular Empreendedorismo, como “conjunto de saberes, habilidades e valores que fazem parte do dia a dia da gestão das organizações, tanto públicas quanto privadas”.

A busca por um processo educativo é uma preocupação, este processo deve ser capaz de estimular novos conhecimentos, habilidades, aptidões e valores capazes de promoverem o desenvolvimento do potencial empreendedor, independentemente de condição social. Por outro lado, a escola é o espaço que proporciona oportunidade no “aprender a empreender”, quando se criam ambientes e situações para que se dê esta forma de aprendizagem através da Educação Empreendedora, tais como as empresas juniores, as incubadoras e os parques tecnológicos. Pois segundo afirma Stevenson (2000), o ambiente é importante, e é mais provável que um indivíduo possa começar a ter atitudes empreendedoras se estiver inserido e atuante

no contexto em que é possível reconhecer oportunidades e empoderamento através destas. É nesse contexto, que esse texto foi elaborado, defendendo a educação empreendedora desde a formação profissional como agente de autonomia do sujeito, em que a escola possa estar presente na vida do maior número possível de pessoas.

## **2 EDUCAÇÃO EMPREENDEDORA:**

A palavra empreendedor deriva do inglês *entrepreneur*, que, por sua vez, vem do termo do francês antigo “*entreprendre*“, um vocábulo formado pelas palavras *entre* – do latim *inter*, que significa reciprocidade – e *preneur* – do latim *prehendere*, que significa comprador (Degen). No Dicionário Houaiss da Língua Portuguesa (2009) a palavra empreendedor se origina do latim *imprendere*, que significa “decidir, realizar tarefa difícil e laboriosa”. E no dicionário Aurélio, encontra-se a definição de empreender como sendo “colocar em execução”.

Mas a utilização do termo empreendedorismo se deu na segunda metade do século XVIII e no início do século XIX, por Richard Cantillon (1755) e Jean-Baptiste Say (1803), ambos economistas, que se preocuparam para além da macroeconomia, mas também com a criação de novos empreendimentos e o gerenciamento dos negócios. Sendo que eram considerados por eles, como empreendedores aquelas pessoas que corriam riscos, investindo os seus próprios recursos financeiros.

A formação em educação com ênfase no empreendedorismo, foi apresentado pela primeira vez por Myles Mace na Harvard University por meio de conteúdos que envolviam conhecimentos desta área (Katz, 2003). Atualmente existem vários tipos de treinamento em empreendedorismo realizados em universidades e faculdades nos Estados Unidos. Enquanto no Brasil o primeiro curso a introduzir o empreendedorismo foi ministrado pelo professor Ronald Degen no ano de 1981, na Fundação Getúlio Vargas em São Paulo. Lavieri (2010) coloca que o foco do curso oferecido era a criação de negócios.

De acordo com NECK E GREENE (2011) e DRUCKER (1985), o empreendedorismo pode ser ensinado através de um método de ensino consistente, que proporcione ao aluno não só conhecimentos teóricos, mas também práticos, incentivando-o a observar o mundo de maneiras diferentes e a criar oportunidades. Conforme Lavieri (2010), o estudo do empreendedorismo passou a ter foco em como ensinar com destaque sobre qual seriam o conteúdo mais adequados, as metodologias e as técnicas utilizadas, e não mais sobre ser possível ou não ensinar. Os autores Dolabela e Filion (2000) propõem uma mudança entre os métodos tradicionais de educação que se concentra na transferência de conhecimentos, mas proporcionar uma educação centrada na aprendizagem de forma independente e proativa, no pensar e no agir. Os professores devem organizar as metodologias, buscando o equilíbrio entre os métodos tradicionais de aprendizagem e novos métodos considerados mais eficazes para que os indivíduos possam “aprender a empreender”

O princípio básico no ensinar empreendedorismo está diretamente ligado a teoria e as abordagens da prática. Sendo que Freire (2002) já contextualizava que: “a teoria sem a prática vira ‘verbalismo’, assim

como a prática sem teoria vira ativismo. No entanto quando se une a prática com a teoria tem-se a práxis, a ação criadora e modificadora da realidade”. Freire (2002), coloca que o indivíduo deve realizar a busca e a conquista do seu espaço na sociedade, e que a educação tem o papel de proporcionar os meios para que possam competir com igualdade e acompanhar as mudanças no mundo contemporâneo, e também proporcionar a integração dos desfavorecidos culturalmente.

Cabe, aqui, ressaltar o pensamento de Freire (1996, p. 25): “quem ensina aprende ao ensinar e quem aprende ensina ao aprender”, cuja afirmação é perfeitamente adequada a educação empreendedora por dar autonomia ao indivíduo, lhe promovendo como sujeito de suas vontades, que segundo Freire (2002) deve ter uma educação que o faça “Assumir-se como ser social e histórico, como ser pensante, comunicante, transformador, criador, realizador de sonhos...”. O empreendedorismo está diretamente ligado a ação, e os empreendedores são aqueles que realizam estas ações.

De acordo com Schaefer, Minello (2016), a educação empreendedora possui “natureza e especificidades próprias que a distinguem dos modelos tradicionais de ensino”. E que sua ênfase está centrada na aprendizagem do aluno, com foco na ação e “no aprender a aprender”. Outro fator importante para na aprendizagem do aluno, o professor deve aliar a base teórica com a prática, com abordagens vivenciais com o mundo real. A utilização de laboratórios, incubadoras, parques tecnológicos, empresas juniores, células empreendedoras, clubes e centros de empreendedorismo, *hackathons*, e eventos relacionados as práticas empreendedoras, são importantes atividades extracurriculares para complementação da educação empreendedora desenvolvida no âmbito da sala de aula etc. (SCHAEFER, MINELLO, 2016).

Assim, conforme a Lei 9.394/1996, a busca pela qualificação para o trabalho, tem na educação empreendedora um viés metodológico através das metodologias desenvolvidas na disciplina, na autonomia e na liberdade dos sujeitos a pensar possibilidades para a geração de trabalho e renda. Ou seja, sujeitos capazes de buscar o seu desenvolvimento sem a opressão de ter ou não um posto de trabalho, mas ser protagonista do seu trabalho.

No âmbito da educação empreendedora, o aprendizado se constrói, e encontra premissas na descrição de Freire (2008), em relação ao diálogo entre o professor, aluno e o grupo de forma colaborativa, pela demonstração de exemplos e pela contextualização do que é necessário buscar para ser um empreendedor, dentro de uma visão multi e transdisciplinar (Freire, 2008). A educação defendida por Freire, era uma educação contextualizada, com ênfase na realidade concreta em que aluno se encontra inserido, para que busque o desenvolvimento da autonomia e proporcione a transformação da sua realidade social, e na busca de minorar as desigualdades. Segundo Freire (2008), a educação deve considerar tanto o lado humano quanto a profissionalização do sujeito, que no contexto da educação empreendedora, trabalha formas que buscam o conhecimento sobre determinado tipo de produção, serviço ou comércio, e isto há necessidade de trabalhar o desenvolvimento do sujeito em suas múltiplas capacidades.

Conforme Dolabela (2003) propõe a Pedagogia Empreendedora ele contextualiza que a obra de Paulo Freire decorre da aliança entre teoria-prática, defendendo a crítica, o diálogo e autonomia na educação. E no contexto do empreendedorismo voltado ao desenvolvimento social sustentável está embasado nas teorias de Freire, havendo pontos convergentes à educação empreendedora.

Assim, o empreendedorismo é visto como um processo pelo qual os indivíduos buscam oportunidades e, em consonância com isso, a importância da desenvoltura é enfatizada. Além de ter uma natureza criativa, que segundo Buchanan e Vanberg (1991) apontam para o processo criativo para acesso ao mercado, a criatividade gera novidades e enfatiza a criatividade do ser humano. Aprofundando a ligação entre criatividade e empreendedorismo, Fillis e Rentschler (2010) propõem novamente que este link é de fato direto e não confinado a uma sequência linear de acordo com a qual o empreendedorismo é o ato final do processo criativo. Consideram que na prática, o processo criativo é parte integrante do empreendedorismo como a curiosidade e o impulso pessoais são parte integrante do empreendedor. O empreendedorismo é caracterizado por cinco dimensões: ‘assumir riscos’, ‘inovatividade’ e ‘proatividade’ juntamente com ‘autonomia e "agressividade competitiva" (Lumpkin & Dess, 1996; Rauch et al, 2009). o papel de risco do empreendedor está associado à incerteza e as ações ousadas. A inovação está associada à criatividade e experimentação, e a proatividade se relaciona à busca de oportunidades, visão de futuro e antecipação.

### 3 A EDUCAÇÃO EMPREENDEDORA NOS CURRÍCULOS

Ao se falar em educação empreendedora há necessidade de se fazer um paralelo entre os conceitos de educação e empreendedorismo. De acordo com Formichella (2002), “compreender a relação entre esses conceitos ajuda a esclarecer uma questão comum que surge quando se estuda o tema empreendedorismo, e isso tem a ver com o fato de nascer ou se formar empreendedor”.

O conceito de cultura empreendedora é definido por Gibb (2002) como o “conjunto de valores, crenças e habilidades geralmente compartilhadas em uma sociedade, que apoia a ideia de que um modo de vida é desejável empreendedor apoiando continuamente a busca de um procedimento empreendedor eficaz por parte dos indivíduos ou grupos”.

“Embora o empreendedorismo seja considerado um campo de estudo multidisciplinar, cada disciplina tende a apresentar uma visão própria sobre o assunto, não tendo influência significativa de outras disciplinas” (SEXTON & LANDSTROM, 2000). A educação permite que os alunos obtenham um melhor conhecimento de suas possibilidades de empreender e permite que eles tenham uma maior determinação em suas intenções (VON GRAEVENITZ *et al*, 2010)

A educação empreendedora pode gerar três tipos de respostas nos discentes: alunos que não aprendem nada; alunos que aprendem e descobrem que gostam; ou discentes que não gostam do empreendedorismo, ou seja, não querem ser empreendedores.

Segundo GIBB (2002), há uma necessidade de mudança no foco convencional de educação para o empreendedorismo, da gestão dos novos empreendimentos, dos planos de negócios e do crescimento e inovação, para um conceito mais amplo baseado na compreensão da maneira como os empreendedores vivem e aprendem. Sete desafios diante deste propósito, e que para enfrentá-los novas formas de aprendizagem e estruturas terão que ser viabilizados. Os sete desafios são os seguintes:

(1) o de criar o 'modo de vida' do empresário; (2) o compartilhamento de cultura e valores; (3) apoiar o desenvolvimento de comportamentos, atributos e habilidades; (4) projetar a organização empresarial; (5) desenvolver a capacidade de aprender a aprender; (6) ser sensível às demandas de diferentes contextos; e (7) agregar valor às formas existentes de aprendizagem". (GIBB, 2002).

#### **4 A EDUCAÇÃO EMPREENDEDORA E A LEI DE DIRETRIZES E BASES DA EDUCAÇÃO**

A Lei 13.415/2017, trouxe alterações na LDB, substituindo o modelo único de currículo que vinha sendo observado por um modelo diversificado e flexível. Desta forma, o currículo do Ensino Médio será organizado seguindo as diretrizes que constam na BNCC e pelos itinerários formativos, com diferentes arranjos curriculares, observando o contexto local e os sistemas de ensino. Os Itinerários citados são os seguintes:

- I - Linguagens e suas tecnologias;
- II - Matemática e suas tecnologias;
- III - Ciências da natureza e suas tecnologias;
- IV - Ciências humanas e sociais aplicadas;
- V - Formação técnica e profissional (LDB, Art. 36; ênfases adicionadas).

No artigo 12º da Resolução CNE/CEB nº 3/2018, ressalta que para ser ofertados os itinerários formativos os mesmos devem: “considerar a realidade local, os anseios da comunidade escolar e os recursos físicos, materiais e humanos das redes e instituições escolares de forma a propiciar aos estudantes possibilidades efetivas para construir e desenvolver seus projetos de vida e se integrar de forma consciente e autônoma na vida cidadã e no mundo do trabalho”.

Especificamente no que diz respeito ao empreendedorismo, nota-se que existem menções que se aplicam a este conceito em todos os itinerários formativos. Os itinerários formativos devem garantir a apropriação de procedimentos cognitivos e o uso de metodologias que favoreçam o protagonismo juvenil, e organizar-se em torno de um ou mais dos seguintes eixos estruturantes:

- I - Investigação científica: supõe o aprofundamento de conceitos fundantes das ciências para a interpretação de ideias, fenômenos e processos para serem utilizados em procedimentos de investigação voltados ao enfrentamento de situações cotidianas e demandas locais e coletivas, e a proposição de intervenções que considerem o desenvolvimento local e a melhoria da qualidade de vida da comunidade;
- II - Processos criativos: supõem o uso e o aprofundamento do conhecimento científico na construção e criação de experimentos, modelos, protótipos para a criação de processos ou produtos que atendam a demandas para a resolução de problemas identificados na sociedade;



III -Mediação e intervenção sociocultural: supõem a mobilização de conhecimentos de uma ou mais áreas para mediar conflitos, promover entendimento e implementar soluções para questões e problemas identificados na comunidade;  
IV - Empreendedorismo: supõe a mobilização de conhecimentos de diferentes áreas para a formação de organizações com variadas missões voltadas ao desenvolvimento de produtos ou prestação de serviços inovadores com o uso das tecnologias (Resolução CNE/CEB nº 3/2018, Art. 12, § 2º).

De acordo com o MEC a Base Nacional Comum Curricular (BNCC) é norteadora da elaboração dos currículos nos níveis de ensino no Brasil, considerada como:

“o conjunto orgânico e progressivo de aprendizagens essenciais que todos os alunos devem desenvolver ao longo das etapas e modalidades da Educação Básica. Aplica-se à educação escolar, tal como a define o § 1º do Artigo 1º da Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional (LDB, Lei nº 9.394/1996), e indica conhecimentos e competências que se espera que todos os estudantes desenvolvam ao longo da escolaridade.”

Nesta direção a BNCC, estabelece conhecimentos, competências e habilidades através de princípios éticos, políticos e estéticos para proporcionar formação humana integral na construção de uma sociedade justa, democrática e inclusiva.

## **5 MÉTODOS E FERRAMENTAS DE APRENDIZAGEM NA EDUCAÇÃO EMPREENDEDORA:**

Conforme o pensamento de Freire (2002), as práticas educacionais nas quais se relacionam os conteúdos escolares com a realidade e a experiência do aluno devem estar fundamentadas em uma metodologia de aprendizagem ativa, de modo que o educando tenha liberdade e autonomia para ser construtor da sua aprendizagem, pois, para ele “ensinar não é transferir conhecimento, mas criar as possibilidades para a sua produção ou a sua construção” (FREIRE, 2002). O empreendedorismo é visto como um processo pelo qual os indivíduos buscam oportunidades. As metodologias utilizadas para o desenvolvimento da educação empreendedora têm preponderância nas metodologias ativas, onde os alunos têm liberdade para buscar, discutir e elaborar planos, e perceber as oportunidades com orientação do professor e de forma colaborativa com os seus pares. Conforme Freire coloca:

O educando precisa assumir-se como tal, mas assumir-se como educando significa reconhecer-se como sujeito que é capaz de conhecer o que quer conhecer em relação com o outro sujeito igualmente capaz de conhecer, o educador e, entre os dois, possibilitando a tarefa de ambos, o objeto de conhecimento. Ensinar e aprender são assim, momentos de um processo maior - o de conhecer, que implica re-conhecer. (FREIRE, 2002, p.47).

As ferramentas e metodologias a serem utilizadas para a Educação Empreendedora passam por abordagens teóricas-práticas, mas também por metodologias ativas. O potencial existente para levar os alunos a desenvolver a autonomia, são as diversas e variadas possibilidades de metodologias e ferramentas pedagógicas existentes. No caso das disciplinas da área de Administração, o estudo de caso é um destas metodologias, pois os alunos são levados a análise de problemas e a busca pela tomada de decisões. Os estudos de casos podem ser reais, fictícios ou adaptados da realidade (ABREU e MASETTO, 1985).

Figura 1: Características das metodologias ativas de ensino



Fonte: Diesel, Marchesan e Martins (2016, p. 156)

Dentre os diferentes métodos, técnicas e ferramentas para o desenvolvimento didático-pedagógico da Educação Empreendedora, elaboração de plano de negócio, as aulas expositivas, visitas técnicas, estudos de casos, trabalho em grupo, brainstorming, palestras com empreendedores, desenvolvimento de produtos, são as ferramentas utilizadas. No entanto como metodologias ativas duas ferramentas têm se destacado para trabalhar a educação empreendedora nos ecossistemas de inovação, o *Design Thinking* (DT) e o Modelo de Negócios CANVAS.

O Design Thinking é elaborado a partir de quatro etapas, descobrir, definir, desenvolver e entregar, sendo que as referidas etapas são completares e sequenciais. Este modelo é utilizado tanto para a geração de novos empreendimentos como na inovação dos negócios já existentes (Brown, 2008).

De acordo com Brown (2011), os processos do DT, podem ser compreendidos como um conjunto de espaços que se inter-relacionam para manter a inovação contínua. Os processos ocorrem por meio da compreensão do problema e na ressignificação do problema após a sua descrição. As fases do DT podem ser desdobradas em atividades, onde a etapa de inspiração engloba a pesquisa de mercado; a ideação envolve a geração e teste de ideias, desenvolvimento e teste de protótipos; e a implementação consiste na produção e execução da solução encontrada na etapa anterior, com base na tecnologia disponível, competências da organização e demandas do consumidor (BROWN, 2011). *Design Thinking*, contextualiza Brown, que não é um termo recente, trata-se de um modelo abstrato que é utilizado pelos designers para consolidação das ideias; seus conceitos podem ser interpretados e utilizados por qualquer indivíduo interessado e aplicados em uma gama de cenários de futuros empreendimentos.

O método CANVAS, ou *Business Model Canvas*, criado por Osterwalder e Pigneur (2011), desenvolveram uma ferramenta com “linguagem comum para descrever, visualizar, avaliar e alterar modelos de negócios”. Conforme Orofino (2011), a ferramenta CANVAS, foi construída de forma a permitir que qualquer pessoa interessada possa criar ou modificar um modelo de negócio, pois apresenta



uma linguagem clara e possibilita o intercâmbio de ideias entre os envolvidos na elaboração do processo de modelagem de negócio.

O mapa conceitual é dividido em duas partes, o lado esquerdo é o emocional, que aborda as questões de relacionamento e interação entre os atores; e o lado direita é lógico/racional, focado na eficiência do processo. A proposição de valor está no centro, representando a razão para qual cada lado se desenvolve (OSTERWALDER, PIGNEUR, 2011). Estes dois lados, são subdivididos em nove blocos que compõem do modelo de negócio de Osterwalder e Pigneur (2011) conforme quatro macro áreas: clientes (proposição de valor), oferta de valor (segmento de clientes, canais e relacionamento), infraestrutura (recursos principais, atividades-chave e principais parcerias) e viabilidade financeira (estrutura de custos e fontes de receita). (OSTERWALDER; PIGNEUR, 2011).

Estes métodos de desenvolvimento de modelos de negócios são ferramentas importantes para a construção de um Plano de Negócio, que tem uma abrangência maior nos quesitos necessários para abertura de um empreendimento.

Degen (1989) conceitua Plano de Negócio como sendo, “o plano é formalizado de ideias da oportunidade, do conceito, dos riscos, das experiências similares, das medidas para minimizá-los, das respostas aos pré-requisitos, da estratégia competitiva, bem como do plano de marketing, de vendas, operacional e financeiro para viabilizar o negócio”. O autor ainda coloca que o plano de negócio acaba sendo e deve ser um documento extremamente personalizado e que “o conteúdo do plano de negócio depende do seu objetivo, da originalidade e, sobretudo, do tipo do negócio”.

No entanto, para Dornelas (2001), a estrutura do plano de negócios deve abordar os seguintes tópicos: “Capa, Sumário, Sumário Executivo, Descrição da empresa, Produtos e Serviços, Mercado e Competidores, Marketing e Vendas, Análise Estratégica, Plano Financeiro, Anexos.” O Plano de Negócio de ser adaptado a cada situação para o qual for solicitado.

No planejamento de um novo negócio, percebe-se o quanto é importante a utilização de ferramentas como o Canvas e *Design Thinking* e o Plano de Negócios. Através destas ferramentas é possível visualizar o empreendimento ao longo do tempo e sua forma de operacionalizar as atividades e controles necessários para o êxito os objetivos propostos, bem como a viabilidade econômico-financeira.

## 6 CONSIDERAÇÕES FINAIS

O debate em torno da Educação Empreendedora passou a fazer parte do cotidiano das escolas, diante da importância desta temática para promover a autonomia do sujeito no que tange a busca e o protagonismo por uma oportunidade de trabalho. O contexto das dificuldades em relação a empregabilidade vem de encontro ao propósito da obrigatoriedade em todos os níveis de ensino para que se promova a Educação Empreendedora.

O desenvolvimento da Educação Empreendedora é de certa forma diferente ao que vinha sendo praticado na educação tradicional, neste sentido as metodologias ativas são uma alternativa. Há necessidade

de que os alunos e professores formem um diálogo para desempenhar este novo contexto de formação. Importante é dizer que se faz necessário uma mudança de paradigma para vivenciar a educação empreendedora, de uma educação centrada no professor, por uma metodologia centrada no aluno. O professor deve saber dosar a transmissão de conhecimentos com atividades práticas.

No desenvolvimento desse novo modo de pensar a educação, a escola deve ter o papel de auxiliar os jovens na concretização de seus projetos de vida, vislumbrando oportunidades para o seu crescimento, através de possibilidades que façam a diferença na sua valorização como sujeito autônomo.

Compreende-se, assim, que a educação empreendedora ministrada no ensino técnico e tecnológico deve proporcionar aos jovens, experiências que os façam protagonistas e saibam resolver problemas, desenvolvendo capacidade de decisão, comunicação, assumir riscos e responsabilidades, de forma colaborativa e com proatividade. Incorporar além de novas ferramentas e metodologias, novos saberes e relações entre esses, proporcionando outros olhares ao contexto no qual estão inseridos.

## REFERÊNCIAS

- ABREU, Maria C.; MASETTO, Marcos T. **O professor universitário em aula: práticas e princípios teóricos**. 5ª. ed. São Paulo: MG Ed. Associados, 1985.
- BRASIL. Lei nº 9.394, de 20 de dezembro de 1996. Diretrizes e Bases da Educação Nacional. Disponível em: [http://www.planalto.gov.br/ccivil\\_03/leis/19394.htm](http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/leis/19394.htm). Acesso em: Out /2020.
- BRASIL. Conselho Nacional de Educação; Câmara de Educação Básica. Resolução nº 3, de 21 de novembro de 2018. Disponível em: < [http://portal.mec.gov.br/index.php?option=com\\_docman&view=download&alias=102481-rceb003-18&category\\_slug=novembro-2018-pdf&Itemid=30192](http://portal.mec.gov.br/index.php?option=com_docman&view=download&alias=102481-rceb003-18&category_slug=novembro-2018-pdf&Itemid=30192)>. Acessos em: nov. 2020.
- Brasil. Base nacional comum curricular (BNCC,2020). Disponível em: [http://basenacionalcomum.mec.gov.br/images/BNCC\\_EI\\_EF\\_110518-versaofinal\\_site.pdf](http://basenacionalcomum.mec.gov.br/images/BNCC_EI_EF_110518-versaofinal_site.pdf) Acesso em nov.2020.
- BUCHANAN, James M. e VANBERG, Viktor J. *The market as a creative process*. Economics and Philosophy 7. 167 186. 1991.
- DEGEN, Ronald J. **O Empreendedor - fundamentos da iniciativa empresarial**. São Paulo: McGraw-Hill, 1989.
- DEMO, Pedro. **Aprender bem/mal**. Campinas: Autores associados. 2008.
- HOUAISS, A. **Dicionário Houaiss da língua portuguesa: com a nova ortografia da língua portuguesa**. 1. ed. Rio de Janeiro: Editora Objetiva, 2009.
- DIESEL, Aline; MARCHESAN, Michele R.; e MARTINS, Silvana N. **Metodologias ativas de ensino na sala de aula: um olhar de docentes da educação profissional técnica de nível médio**. Revista Signos, 37 (1), 153-169. Disponível em: <http://www.univates.br/revistas/index.php/signos/article/viewFile/1812/921> Acesso em ago.2020.
- DOLABELA, Fernando. **Pedagogia Empreendedora**. São Paulo: Cultura, 2003.
- DOLABELA, Fernando e FILION, Louis Jacques. **Boa Ideia! E Agora?: Plano de Negócio o Caminho Seguro Para Criar e Gerenciar Sua Empresa**. 1 Ed. São Paulo: Cultura Editores Associados, 2000.
- DORNELAS, José Carlos A. **Empreendedorismo: transformando ideias em negócios**. Rio de Janeiro. Elsevier, 2001.
- DRUCKER, Peter. F. **Inovação e Espírito Empreendedor – Entrepreneurship**. 6ª ed. São Paulo: Pioneira, 1985.
- FERREIRA, Ana R. **O que é Educação empreendedora e como colocá-la em prática na escola?** Disponível em: <https://novaescola.org.br/conteudo/19150/o-que-e-educacao-empreendedora-e-como-coloca-la-em-pratica-na-escola> Acesso em ago.2020.
- FILION, Louis Jacques. *From Entrepreneurship to Entreprenology*. *Journal of Enterprising Culture*, vol. 6, n. 1, p. 1-23, mar. 1998. Disponível em: [http://expertise.hec.ca/chaire\\_entrepreneuriat/wp-content/uploads/97-05\\_entreprenology.pdf](http://expertise.hec.ca/chaire_entrepreneuriat/wp-content/uploads/97-05_entreprenology.pdf) Acesso em: out. 2020.
- FILLIS, Ian e RENTSCHLER, Ruth. *The Role of Creativity in Entrepreneurship*. *Journal of Enterprising Culture*, 18 (1), pp. 49-81.2010.

FORMICHELLA, Maria M. **El concepto de emprendimiento y su relación con la educación, el empleo y el desarrollo local.** Rivadavia (Argentina): INTA. *Ministerio de Asuntos Agrarios y Producción.* 2002.

FREIRE, Paulo. “**Pedagogia da autonomia: saberes necessários à prática educativa**”. São Paulo: Paz e Terra, 2002.

GIBB, Allan. **Creating conducive environments for learning and entrepreneurship-living with, dealing with, creating and enjoying uncertainty and complexity.** *Industry and Higher Education.* 2002. Volume 16. Acesso em out/2020. Disponível em: <https://journals.sagepub.com/doi/10.5367/000000002101296234>

KATZ, A. J. **The chronology and intellectual trajectory of American entrepreneurship education: 1876–1999.** *Journal of Business Venturing.* 18(2), 283-300. 2003.

LAVIERI Carlos. **Educação...empreendedora?** In: LOPES R. M. A. (org.). *Educação empreendedora: conceitos, modelos e prática.* Rio de Janeiro: Elsevier; São Paulo: Sebrae, 2010.

LUMPKIN, G. T.; DESS, Gregory G. **Clarifying the entrepreneurial orientation construct and linking it to performance.** *The Academy of Management Review*, v. 21, n. 1, p. 135-172, jan. 1996.

NECK, Heid M. e GREENE, Patricia G. **Entrepreneurship education Known worlds and new frontiers.** *Journal of Small Business Management*, 49, 55-70. 2011.

OROFINO, Maria Augusta R. **Técnicas de criação do conhecimento no desenvolvimento de modelos de negócio.** Dissertação (Mestrado). Centro Tecnológico, Programa de Pós-Graduação em Engenharia e Gestão do Conhecimento., Universidade Federal de Santa Catarina. 2011.

OSTERWALDER, Alexander; PIGNEUR, Yves. **Business Model Generation - inovação em modelos de negócios: um manual para visionários, inovadores e revolucionários.** Alta Books, 2011.

RAUCH, Andreas; WIKLUND, Joan; LUMPKIN, G. T., e FRESE, Michael. **Entrepreneurial orientation and business performance: An assessment of past research and suggestions for the future.** *Entrepreneurship: Theory & Practice*, 33(3), 761-781. 2009.

SCHAEFER, Ricardo; MINELLO, Italo F. **Educação Empreendedora: premissas, objetivos e metodologias.** *Revista Pensamento Contemporâneo em Administração (RCPA).* Rio de Janeiro. 2016

SCHUMPETER, Joseph. A. **A teoria do desenvolvimento econômico.** 3ª.Ed. São Paulo: Abril Cultural, 1982.

SEXTON, Donald, e LANDSTROM, Hans. **The Blackwell Handbook of Entrepreneurship.** Malden, MA: Blackwell. 2000.

Von GRAEVENITZ, Georg; HARHOFF, Dietmar. e WEBER, Richard. **The effects of entrepreneurship education**”. *En: Journal of Economic Behavior and Organization.* Volume 76 (1); p. 90-112. 2010.